**PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO SEXUAL DE PEDAGOGO(A)S**

Clênia Valéria Gonçalves Soares

Pedagoga, Graduação, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [cleniagoncalves@gmail.com](mailto:cleniagoncalves@gmail.com),

Alexandre Martins Joca

Professor, Doutor, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [alexmartinsjoca@yahoo.com.br](mailto:alexmartinsjoca@yahoo.com.br),

Neste artigo apresentamos a relevância da formação acadêmica em gênero e sexualidade, com base na formação docente de graduando(a)s da Universidade Federal de Campina Grande (Câmpus de Cajazeiras). O objetivo desse estudo possibilita analisar as implicações vividas pelos sujeitos no decorrer da vida, com ênfase nas contribuições da formação docente para a educação sexual desse(a)s graduando(a)s. A pesquisa é de origem qualitativa e seu percurso metodológico foi efetivado por meio da observação participante e entrevistas semi-estruturadas, realizadas com 04(quatro) graduando(a)s em Pedagogia que participaram do Curso de Extensão “Educação Sexual e Cidadania”. O estudo indica que as questões de gênero e sexualidade estão sendo abordadas de maneira transversal no curso de pedagogia e aponta avanços e limitações. Indica, ainda, que a entrada do(a)s graduando(a)s para a Universidade foi de grande relevância, de maneira que puderam ter conhecimento acerca de gênero e diversidade sexual, contribuindo para a sua educação sexual e para a futura atuação docente.

**Palavras – chave:** Formação docente. Gênero. Sexualidade. Educação Sexual.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo é fruto da pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado como “Educação Sexual: gênero e diversidade sexual nas experiências e formação de graduando(a)s em Pedagogia”, na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Câmpus de Cajazeiras. O período de concretização foi entre 2017 e 2018, e teve como objetivo analisar as implicações vividas pelos sujeitos no decorrer da vida, com ênfase nas contribuições da formação docente para a educação sexual desse(a)s graduando(a)s.

Neste texto apresentaremos os resultados obtidos na pesquisa, considerando as especificidades colocado(a)s nas discussões, de maneira a compreender a importância da formação acadêmica no processo de formação e aquisição do conhecimento, a partir da discussão acerca dos conhecimentos científicos no desenvolvimento das práticas educativas.

Os procedimentos metodológicos utilizados se deram através da observação participante do Curso de Extensão “Educação Sexual e Cidadania: formação continuada para professore(a)s e graduando(a)s”[[1]](#footnote-1) e entrevistas semi-estruturadas com 04 (quatro) graduando(a)s em Pedagogia da UFCG (Câmpus de Cajazeiras).

No Brasil, historicamente, o ensino esteve centralizado apenas em repasse dos saberes disciplinares, não considerando importante e necessário uma formação humana e profissional voltada para as questões sobre cultura, identidade e diferenças, isto é, questões de gênero, etnia, sexualidade, entre outras temáticas não estiveram presente nas discussões do currículo de forma ativa. Dessa maneira, a educação escolar sexual hegemônica, foi determinando uma prática educativa de valores reprodutivos em uma afirmação do que é certo e errado, do permitido e do proibido. No entanto, observamos que atualmente, em especial, nas últimas décadas, há um avanço com relação aos estudos sobre gênero, sexualidade e orientação sexual na Educação, apesar de ainda constituir-se como um desafio a educadores e educadoras, quanto a produção de conhecimento as temáticas que envolve a Educação Sexual, ou seja, a diversidade sexual.

A fundamentação teórica da pesquisa tem como referência os estudos teóricos de Joca (2008;2009); Loila(2006;2009); Freire(2011); Dewey (1952). Esse(a)s autore(a)s trazem em comum uma discussão sobre possíveis caminhos educativos, considerando a importância de uma formação para a educação escolarizada em gênero e sexualidade, em torno da necessidade de uma produção do conhecimento que rompa com a perspectiva essencialista e heteronormativa da sexualidade. Abordam, assim, sobre os possíveis conflitos que venham surgir no cotidiano da prática profissional e educativa e apontam princípios éticos e pedagógicos possíveis de superá-los.

No âmbito da formação do(a)s graduando(a)s de pedagogia, percebemos que a entrada do(a)s graduando(a)s na Universidade foi de grande relevância no que diz respeito a sua educação sexual, uma vez que puderam acessar saberes e conhecimentos acerca de gênero e diversidade sexual capazes de transformar tanto suas vidas como pensar sua futura prática docente. A universidade é compreendida pelo(a)s graduando(a)s como um espaço que possibilitou o acesso ao conhecimento científico, garantindo aos graduando(a)s um conhecimento sistematizado e significativo para a vida pessoal e para a formação docente. Há, também, o reconhecimento da resistência na abordagem sobre “diversidade sexual” e “educação sexual”, temáticas que se fazem necessárias abordar constamente e para além do espaço sala de aula.

**Formação docente em gênero e sexualidade na UFCG**

O processo de formação docente para Educação Sexual, especificamente gênero e sexualidade na Universidade Federal de Campina Grande (Câmpus de Cajazeiras) vem sendo abordada na última década a partir da inclusão no currículo do curso de pedagogia da disciplina “Educação, Cultura e Diversidade”. Vale lembrar que em outros cursos de licenciatura do Câmpus – Ciências Biológicas, Matemática, Química, Física – foi também incluída a disciplina “Educação Étnicorracial e Diversidade” que traz conteúdo programático equivalente à disciplina citada anteriormente.

No contexto da formação de pedagogo(a)s essa discussão tem se apresentado como uma experiência positiva, permitindo aos sujeitos uma formação a aquisição de conhecimentos importantes à formação docente. Por tratar-se de conhecimentos que têm enfrentado muitas resistências nos contextos escolares, a inclusão de disciplina voltada à essa temática nos currículos de formação inicial de pedagogo(a)s se faz relevante na medida que visa suprir, na medida do possível as resistências socioculturais em torno da temática da sexualidade na educação.

Apesar de o currículo formar do curso de pedagogia incluir uma disciplina específica na qual esta temática é contemplada, com base em relatos que apresentaremos a seguir, é possível perceber que as discussões sobre gênero e sexualidade na infância vem sendo abordada sob a perspectiva da interdisciplinaridade, uma vez que outras disciplinas têm, mesmo de maneira modesta, abordado essas temáticas transversalmente.

Atividades de extensão e eventos sobre a temática também são mencionados pelo(a)s graduando(a)s como relevantes, favorecendo um conhecimento aprofundado e específico, como também abrem espaços para um diálogo e/ou discussão para além da sala de aula. O currículo está sendo posto em prática, mas ainda faz-se necessário maior aprofundamento nos estudos, de maneira que proporcione melhor compreensão para a Educação Sexual, desmistificando os conceitos errôneos produzidos na educação básica.

As discussões com base na formação docente do(a)s graduando(a)s em gênero e sexualidade na Universidade tem como objetivo refletir a relevância desse processo formativo, pois, “O docente, em seu desempenho profissional, no processo de ensino-aprendizagem, necessita adquirir conhecimentos científicos específicos com o qual trabalha, ou seja, conteúdos relacionados à formação intelectual e humana dos sujeitos. [...]” (JOCA, 2008, p.136). Assim, compreendemos que o processo de formação se faz necessário no percurso do profissional, de modo que precisamos ter conhecimentos científicos voltados não somente para a formação intelectual, mas também humana, e se assim acontecer, o profissional independente de qualquer área conseguirá desenvolver suas práticas educativas com êxito.

Nessa perspectiva, ao abordar sobre a formação acadêmica, Ana (21 anos) afirma que “a universidade ela me abriu portas para novas questões que até então eu não conhecia, porque tipo, a educação sexual é uma coisa tão abrangente e a gente só volta para as questões do... digamos de ser hétero, de ser homo, de ser gay e por assim vai.”. Isso significa que ela já consegue apreender como os conhecimentos adquiridos na universidade possibilita pensar de forma diferenciada a educação sexual e não direcionar seu pensamento aos conhecimentos restritos à orientação sexual.

José (23 anos), por sua vez, lembra que “[...] fora da universidade eu nunca tive um contato direto e específico à questão de gênero e sexualidade [...] Isso acabou dificultando muito e prejudicando muito na fase de descobrir quem eu realmente era. Quem eu realmente sou, melhor dizendo”. Dessa maneira, percebemos que os conhecimentos adquiridos sobre gênero e sexualidade na universidade permitiu que ele descobrisse sua sexualidade, visto que anteriormente quando não tinha o conhecimento acerca de gênero e sexualidade, dificultou o seu auto reconhecimento enquanto sujeito.

Desse modo, a universidade, tem enriquecido a formação docente para a Educação Sexual, favorecendo uma reflexão para as práticas educacionais e pensando no papel do sujeito frente a sociedade que deve ser voltada para o respeito a diversidade. As discussões a seguir consistem no processo de construção de significados diversos atribuídos à educação sexual, através dos saberes produzidos principalmente na universidade

**Gênero e sexualidade na formação do(a) pedagogo(a)s na percepção do(a)s discentes**

Quando perguntamos aos graduandos sobre os momentos em que a temáticas gênero e sexualidade foram abordadas, o(a)s mesmo(a)s relataram que

Foram abordadas na disciplina de Psicologia, geralmente, sempre os professores trazem algum exemplo de acordo com os pensamentos dos psicólogos e a gente tá sempre conversando sobre isso, mas é mais nas disciplinas de Psicologia e nesse curso de extensão que eu fiz. (Maria, 23 anos); (grifos meus)

[...] Na sala de aula é abordada, digamos, não diariamente, mas frequentemente, tanto é, digamos, na questão de palestras, em algumas disciplinas como na de Educação Inclusiva [...] aqui na universidade o aporte é maior[...]a questão do primeiro contato, é muito interessante isso, eu não sei nem explicar a sensação, mas que muitas pessoas se fecham para essas sensações e eu não, eu me abri totalmente, totalmente assim, no sentido de querer entender, eu sempre procuro entender o outro, mas o porquê disso? O por que daquilo? entendeu? [...] as discussões em sala de aula me possibilitou um maior aporte teórico sobre o tema e tal e as relações na universidade me proporcionaram também grande experiência e assim, o que eu achei bem interessante na universidade são a questão dos professores, não digo todos, mas alguns transmitem todo um entendimento sobre a temática, a questão de não diferenciar os alunos, foi o que eu achei bem interessante. (Ana, 21 anos); (grifos meus)

[...] Essa temática só foi abordada duas vezes que eu consiga me lembrar, uma na disciplina que é educação, cultura e diversidade no curso de pedagogiae, mas também foi uma discussão muito superficial, porque são três coisas, educação é um mundo, sexualidade já é outro mundo e diversidade então nem se fala, não dá pra ter uma discussão em cima de três temas tão amplos em quatro meses, a discussão que eu tive sistemática pra dizer assim, assim, assado a gente pode pensar assim, assim, assim foi no curso de extensão do professor Alexandre que ele proporcionou o debate em cima disso. (José, 23 anos); (grifos meus)

[...] Na disciplina diversidade... [...], mas ela enfocou mais na questão racial, na história dos africanos e, mas ela trouxe alguns textos envolvendo o gênero, mas aí não foi tão importante, como é que eu posso dizer? Não trouxe tanta ênfase como a questão dos africanos e a questão racial e também a disciplina arte e educação, ele também trouxe alguns enfoques [...] os alunos trabalharam essas questões das diversidades e o gênero também estava incluído, foi muito importante até porque teve várias palestras, teve muitas situações que foi de grande importância na questão do gênero também, na questão do gênero... [...] teve o seminário [...] (Diana, 25 anos); (grifos meus).

Diante das respostas apresentadas, foi possível perceber que as discussões sobre gênero e sexualidade se fazem presentes de maneira frequente na formação do(a)s pedagogo(a)s e sob uma perspectiva pedagógica interdisciplinar. Isso porque essa discussão não abrange apenas uma disciplina específica, mas abrange por uma diversidade de abordagens, a partir da psicologia, da cultura, da filosofia, da sociologia etc., sendo abordada tanto em atividades pontuais, como em atividades de extensão, quanto no cotidiano da formação, no ensino.

Ana (21 anos) menciona a questão das relações interpessoais na universidade, lembrando que as relações na universidade contribuem para o seu processo formativo, no sentido tanto de querer entender o outro, como também na questão da ética profissional dos docentes do curso para com os alunos, “a questão de não diferenciar os alunos”, isto é, o docente como aquele que promove a inclusão da diversidade.

Porém, José (23 anos) acredita que a universidade apesar de abordar essas temáticas, necessita de aprofundamento. Assim, questionamos: o que especificamente foi discutido na universidade?

[...] na sala de aula sempre tem um espaço que é todo enfeitado de azul pra colocar as coisas dos meninos e um lado que é só rosa que até tipo um painel que coloca só coisas de meninas e os professores enquanto estão se formando agora deve “quebrar” isso, não existe isso de coisas de meninos e coisas de meninas, tem que está tudo junto e misturado, a gente vive numa sociedade repleta de diversidade, a gente não pode tá separando tem que juntar e mostrar que isso de separar não é... é ultrapassado, não existe mais [...]mas outras disciplinas de sociologia, filosofia não falam muito nessas coisas [...] . (Maria, 23 anos);

[...] a questão nas Sociologias, os movimentos sociais [...] as lutas, a questão do feminismo que eu acho bastante interessante [...] também na questão de Educação Inclusiva, [...] também na questão da Diversidade [...] também algumas aulas sobre o currículo, a questão da elaboração de um currículo inclusivo e tal que voltasse pra todos os públicos e tal, além da integração dentro da escola, porque você sabe que o que acontece muito na escola hoje é a questão da integração, você se preocupa em colocar lá aluno dentro da escola, mas você não se preocupa em mantê-lo dentro da escola. (Ana, 21 anos); (grifos meus).

As temáticas abordadas na sala de aula foram bem significativas, despertando no(a)s graduando(a)s uma preocupação com a sociedade, como deve trabalhar em sala de aula, de modo a promover igualdade, integração e/ou inclusão dos alunos, rompendo com esses conceitos históricos e cultural de “coisas dos meninos” e “coisas de meninas”, que é naturalmente expresso por cores azul-menino e rosa- menina. A ênfase na atuação dos movimentos sociais e mais uma vez, na interdisciplinaridade, proporcionando um melhor conhecimento acerca do gênero e sexualidade na formação docente, pois este campo é amplo e não se restringe há uma discussão disciplinar única.

Ana (21 anos) ressalta as dificuldades e limitações da abordagem na universidade.

Olha, eu ainda acho que seja mínima, porque infelizmente ainda existe uma resistência na questão dos alunos também, porque se você for analisar, digamos, que minha sala de aula atualmente é... vou tentar exemplificar melhor, tipo em alguns seminários a gente tratou de algumas temáticas certo? E que por diversas vezes quando um determinado grupo caía sobre a temática gênero, diversidade sexual, muitas vezes quiseram mudar os grupos e tipo, na hora da apresentação era a coisa mais linda do mundo e por trás você sabia que não era a pessoa, foi só pra agradar o professor ou concordar com a temática, e a gente sabe que as concepções são diferentes e até a gente escutava pronunciamentos “ah eu fiz isso aqui, mais eu fiz isso aqui foi só pra eu ganhar nota” entendeu? Você vê que são pouquíssimas pessoas que mudam as concepções, não estou dizendo na questão de tolerar, mas de respeitar[...] Eu não acho nem que seja, digamos, necessário uma disciplina específica, até porque pode ser tratada nas diferentes esferas e diferentes disciplinas [...] eu acho é que acontece uma resistência em tratar aquilo dentro da sala de aula, pelos pais, pela resistência do próprio professor, porque vai gerar um debate e se você não tiver pronto praquele debate nem invente, porque vai ter debate. (Ana, 21 anos); (grifos meus)

O que está centralizado nessa discussão é a questão da resistência de alguns aluno(a)s/graduando(a)s no trato das questões de gênero e sexualidade, por vez Ana sugere que necessita reforçar mais sobre essas questões, para que o(a)s aluno(a)s/graduando(a)s reflitam sobre suas concepções, que aparentemente em seus diálogos “respeitam” a diversidade, enquanto que as demonstrações nas suas atitudes são de “tolerância”. Para José (23 anos) a discussão

Está presente, mas ao mesmo tempo ausente. Ela tá ali! ela está ali, no currículo! Ela está no debate é que não é tão profundo, mas eu não culpo o curso nem muito menos o professor. É porque é um debate amplo pra ser trabalhado em quatro meses. É uma temática que a gente precisa vivenciar em outros espaços que não sejam a sala de aula como o curso de extensão, por exemplo, é necessário que exista um curso de extensão, uma roda de conversa, uma palestra constantemente sobre esses temas, porque não dá pra gente trabalhar isso em quatro meses de aula! Não dá! infelizmente não dá! Mas assim essa temática está presente no curso de formação, mas ela é deficitária, ela deixa lacunas abertas. (grifos meus)

Assim, percebemos neste discurso um ponto crucial para as práticas docentes, a presença do currículo na formação docente, porém Josécritica a maneira como é conduzida os debates acerca das temáticas gênero e sexualidade, o mesmo acredita está incluído no currículo, deve ser constantemente abordado e com maior ênfase, pois, esses temas por serem amplos, precisam serem trabalhados com mais intensidade, que as discussões não seja restrita as salas de aulas, mas precisa ser desenvolvidas em outros espaços, para garantir uma melhor formação, através de palestras, roda de conversas e curso de extensão.

Quanto aos anseios do(a)s graduando(a)s, ele(a)s gostariam que essas temáticas estivessem sendo discutida no currículo de modo que

[...] esclareça as dúvidas que eu tenho e que me prepare ainda mais para lhe dar com as crianças que elas estão sempre perguntando, elas perguntam muito e tem coisas que a gente não tá preparado pra responder pelo fato de ser criança e criança você não pode responder como você responde pra um adulto, você tem que elaborar uma resposta para não confundir a mente da criança [...] (Maria, 23 anos); (grifos meus)

[...] a gente pode voltar uma discussão mais prática do que teórica [...]ver a diversidade que a gente tem na sala e trabalhar com ela [...] a gente tem uma diversidade de gênero ali dentro da sala de aula, [...] então eu acho que a gente tem como trabalhar com o que tem dentro da sala de aula, [...] é proponho essa questão de curso de extensão, projetos de extensão, de projetos de pesquisa também, de rodas de conversa, palestras, agora isso não é pra ser um caso excepcional, isso é o que deve ser concomitantemente, isso é algo que tem que ser concomitantemente não, cotidianamente, essa discussão ela tem que ser diária, ela tem que ser uma discussão interdisciplinar. As outras disciplinas tem que conversar nesse mesmo objetivo de sensibilização (José, 23 anos); (grifos meus)

Temos a percepção que em ambas as respostas, que as abordagens no processo formativo sobre gênero e sexualidade na formação docente ainda não é suficiente, mas relevante para a prática docente. Quando os graduandos indicam alternativas para o trato dessas questões no currículo, significa dizer que estes ainda não se encontram preparados para lhe dar com os alunos, e necessitam de maior aprofundamento quanto aos conhecimentos sobre a educação sexual para a prática docente.

Conforme podemos perceber, apesar dos avanços e das experiências positivas vivenciadas na formação desse(a)s graduando(a)s, as expectativas ainda estão para serem alcançadas de forma integral, no sentido de suprir as demandas da formação docente em pedagogia. Uma das atividades formativas consideradas exitosas foi o curso de extensão “Educação Sexual e Cidadania”, realizado em 2017.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O encontro com o(a)s graduando(a)s de pedagogia da UFCG para a discussão da formação docente, possibilitou compreender o processo de conhecimento dos graduando(a)s e o quanto a inserção na Universidade promoveu um conhecimento acerca da Educação Sexual, uma vez que ao adquirir os conhecimentos descontruíram aquele pensamento de que a “Educação Sexual” se direcionava especificamente à orientação sexual.

Sobre a formação profissional foi possível perceber que a entrada do(a)s graduando(a)s na Universidade foi de grande relevância, de maneira que puderam ter conhecimento acerca de gênero e diversidade sexual, especialmente sobre os conceitos e diferenças sobre orientação sexual, desconstruindo e construindo significados acerca da educação sexual e rompendo com conceitos padronizados e/ou enraizados.

Sobre a formação inicial em pedagogia na UFCG, podemos pensar que, no que diz respeito às questões de gênero e diversidade sexual, essas temáticas parecem estar sendo abordadas numa perspectiva da transversalidade, uma vez que o(a)s graduando(a)s revelaram que essas temáticas foram abordadas em uma diversidade de disciplinas do currículo do curso de Pedagogia.

Podemos dizer que o(a)s graduando(a)s compreenderam a importância de desenvolver um trabalho direcionado para a educação sexual, de maneira a respeitar as diferenças e que a formação não se faz somente intelectual mas humana. Ao reconhecerem a insuficiência dos conhecimentos sobre gênero e diversidade sexual adquiridos até aqui, para a atuação como educadore(a)s, o(a)s graduando(a)s demonstram a capacidade de perceber suas limitações e os desafios que enfrentarão no exercício do magistério.

**REFERÊNCIAS**

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade sexual na escola**: um “problema” posto à mesa. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, CE: 2008.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. In: Educação escolarizada e diversidade sexual: problemas, conflitos e expectativas. In: **Desatando nós**: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. / Adriano Henrique Caetano Costa, Alexandre Martins Joca, Luís Palhano Loiola [] organizadores. – Fortaleza: edições UFC, 2009.

LOIOLA, Luís Palhano. **Diversidade Sexual:** Perspectivas Educacionais. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

1. Curso de Extensão realizado pelo professor Alexandre Martins Joca no Centro de Formação de Professores da Universidade de Campina Grande (Câmpus de Cajazeiras). O curso voltava-se à formação de graduando(a)s em licenciaturas e de professore(a)s da rede pública municipal de Cajazeiras e rede estadual da Paraíba. Adotou como estratégia metodológica a utilização de dinâmicas participativas, priorizando a socialização de experiências do(a)s participantes e trazendo para o centro das discussões os saberes já adquiridos no decorrer da formação dos sujeitos. [↑](#footnote-ref-1)